



Redacção
FIGUEIRÓ DOS VINHOS
E CASTANHEIRA DE PERA

Director e Editor
P.º JOSÉ DA COSTA SARAIVA

Redactor Principal
P.º ARMÉNIO MARQUES

Composição e impressão
GRÁFICA DE COIMBRA

Bendita noite de tão viva claridade PELO MUNDO CATÓLICO

Jubiloso repique de sinos anuncia ao mundo a noite do Natal de Jesus.

Rajadas de luz de mistura com os coros angélicos transpõem os portais sagrados da gruta de Belém, onde Jesus acaba de nascer. Esse luzeiro bendito de há vinte séculos, não perdeu o seu brilho, não se ofuscou, nem com o rodar dos tempos, nem com a guerra das trevas sempre declarada e activa.

E ontem como hoje, uns a convite dos anjos, outros à misteriosa luz da estrela, vêm ao presépio aquecer os corações e tributar homenagens ao Deus feito Menino, acordando assim, para a maior realidade da História, que sentem viva no íntimo de suas almas — o nascimento de Cristo.

Sol de Justiça! Príncipe da Paz!

De justiça e de paz estava esfomeado o mundo de então trágicamente mergulhado no paganismo, na escravatura, no ódio e na falta de respeito pela personalidade humana.

Os vinte séculos decorridos, não mataram ainda essa fome por completo, porque nem todos querem deixar cair as negras escamas do ódio, que não consente a aproximação do presépio.

Ó homem deste século, camponês, operário, patrão, chefe ou subalterno, o sol da justiça, o Príncipe da Paz, vive no meio de nós, afastados dEle, continuaremos, pobres loucos, a gritar pela Justiça, pela Paz, que os mortais não sabem, nem podem dar. Não tenhamos receio da gruta humilde, porque nessa humildade brilha a maior grandeza, jamais conhecida

na terra. Entremos, e ao mundo que não quer ainda o Natal de Cristo digamos: Natal! Natal! Dia de Natal!

Demos largas ao nosso entusiasmo e com a alegria maior que em nós pudermos despertar acompanhem os anjos cantando bem alto no meio dos lares, da sociedade e do mundo inteiro.

«Glória, glória a Deus no mais alto dos Céus!

E paz na terra aos homens de boa vontade!»

A. M.

Encerramento do Ano Mariano

No dia 1 a Castanheira vibrou em volta do Venerando e querido Prelado Auxiliar da Diocese, D. Manuel de Jesus Pereira. De manhã às 11 horas S. Ex.ª Rev.ª celebrou a Santa Missa e fez formosíssima homilia em honra de Nossa Senhora. À tarde desfilou pela vila imponente procissão presidida pelo mesmo Ex.º Prelado terminando tudo com a bênção solene do Santíssimo Sacramento. O Senhor Bispo Auxiliar, levou daqui agradáveis impressões.

A Igreja e o Desporto

A Secretaria de Estado de Sua Santidade nomeou o Rev.º Padre Riquet, S. J., como representante da Santa Sé no Congresso Intercional da Patologia dos Desportos, que se realizou em Paris, nos dias 4 e 5 de Outubro.

O Padre Riquet é, hoje, das mais apreciadas autoridades eclesíásticas, cuja opinião, a respeito dos problemas do nosso tempo, é mais comunmente aguardada. Há em vista os temas tratados com tanta proficiência e elevação nas pregações quaresmais do Notre Dame.

Quando a Verdade se ofende, a Igreja não se cala

Os Bispos católicos alemães acabam de dirigir uma carta de solene protesto colectivo ao presidente da «República Democrática Alemã», Otto Grotewahl, contra a legislação por este aprovada, para a zona soviética, em que os problemas familiares ficam gravemente comprometidos na sua verdade e na sua moral.

A língua vulgar e liturgia

A Santa Sé acaba de autorizar que mais uma língua, o inglês, possa ser usada na
(Continua na 7.ª pág.)

CORTEJO DE OFERENDAS para a Residência Paroquial de Figueiró dos Vinhos

Temos que ir bater aos corações de todos os que compreendem e pedir mais, a ver se conseguimos chegar ao fim. É grande a Residência Paroquial, mas maior é a generosidade dos paroquianos de Figueiró dos Vinhos. Por fora está concluída e por dentro levou já um empurrão forte. O soalho está quase na fase final, os reboucos estão adiantados. Mas há uma dívida de 40 contos e é preciso dinheiro para a electrificação, para os tetos, para o Salão Paroquial e todos os acabamentos.

Temos pois que pedir.

Ainda há pouco o Cortejo de Oferendas a favor do Hospital de Mortágua rendeu 300 e tal contos. Vamos pois realizar o 2.º Cortejo a favor da nossa Residência.

Urge que todos concorram. Dinheiro, géneros, etc... tudo o que o entusiasmo ditar. Que ninguém falte. Em breve apresentaremos o programa definitivo, com as comissões para todos os lugares: Desde já marcamos o dia do Cortejo. — Dia 16 de Janeiro de 1955.

Como se celebra o Natal pelo Mundo...

Como pode despertar certa curiosidade o saber como se celebra o Natal em certos países, fizemos a tradução dum trabalho de Odette Singtonge, publicado em «Ecclesia»:

Na Itália

Na Itália, o Natal lembra o nascimento do Infante Divino, o Bambino. Cada igreja

se honra de ter um, em madeira ou cera, num presépio especialmente preparado, semelhante ao dos santuários canadenses.

Ne véspera dos Reis, todos os pequenos italianos esvaziam os bolsos dos seus fatos, que colocam junto da chaminé. Durante a noite, «Béfnina», a pequena velha (Baboushka entre os russos),

não descerá ao átrio arrefeito para encher de bombons e de brinquedos os bolsos dos meninos bons? Os maus só receberão chicotes e cinza.

Na Espanha

No dia dos Reis faz-se a distribuição de brinquedos na Espanha. Segundo a len-
(Continua na 6.ª página)

A todos os leitores deseja «Vida Paroquial»
um Natal de bênçãos e um Ano Feliz

CATECISMO O NOSSO JORNAL

XXIX LIÇÃO

Os Sacramentos

Temos duas vidas: a vida natural que resulta da união da alma e do corpo, e a vida sobrenatural que resulta da união da alma com Deus.

A VIDA NATURAL

Deus dispôs tudo na terra para a nossa vida natural ou vida do corpo e da alma.

1.º — *Nascemos para a vida natural.*

2.º — *Crescemos e fortificamo-nos.*

3.º — *Tomamos alimento.*

4.º — *Encontramos remédios contra a doença.*

5.º — *Enfim chega o momento de a vida terminar.*

A VIDA SOBRENATURAL

Jesus, o Filho de Deus, preparou tudo para a nossa vida sobrenatural ou vida da alma com Deus.

1.º — *Nascemos para a vida sobrenatural pelo baptismo.*

2.º — *Somos fortificados pela Confirmação.*

3.º — *Somos alimentados pelo Corpo do próprio Cristo.*

4.º — *Temos um grande remédio para os males da alma que é a Penitência.*

5.º — *No momento da morte, a Extrema-Unção apaga*

os restos dos pecados e ajuda-nos a permanecer fiéis a Deus até ao fim.

Os Sacramentos acompanham o homem do berço ao túmulo.

O Homem vive em Sociedade: os dois últimos sacramentos têm em conta estas novas necessidades.

O Matrimónio santificará a união do homem e da mulher e dar-lhe-á as graças necessárias aos deveres matrimoniais.

A Ordem será o meio divino estabelecido por Nosso Senhor para consagrar os chefes da Igreja, para criar sacerdotes que terão a missão de distribuir os sacramentos.

— Os sete sacramentos seguem o homem na sua vida terrestre e conduzem-no ao Céu.

LIÇÃO

1 — *Que é um Sacramento? — É um sinal sensível, instituído por Nosso Senhor Jesus Cristo para produzir ou aumentar a graça.*

NOTA — *Um sinal sensível é uma coisa que se pode ver, entender ou tocar, e que leva a conhecer outra que se não pode ver, ouvir ou tocar. Por exemplo a água do baptismo é um sinal: Quando a vemos correr, ensina-nos que a alma é purificada do peca-*

Nunca pedimos nada por ele. Durante o ano passado pagámo-lo com o vencimento de Mestre-Escola que fomos no Curso de Adultos dos Esconhais.

(Este ano tirámos já certa

do original, que a graça santificante se produziu.

2 — *Quantos são os sacramentos?*

— São sete: Baptismo, Confirmação, Penitência, Extrema-Unção, Ordem e Matrimónio.

3 — *Os que recebem os Sacramentos recebem sempre a graça?*

— Sim, desde que tenham as necessárias disposições.

4 — *Que pecado comete o que recebe os Sacramentos sem as devidas disposições.*

— Um pecado mortal, chamado sacrilégio.

5 — *Há Sacramentos que só se podem receber uma vez?*

— Sim, o baptismo, a confirmação e a ordem, pois produzem na alma um sinal indelével que se chama carácter.

LITURGIA — *Entre os livros litúrgicos há o Ritual, que contém as orações e instruções relativas aos Sacramentos. Contém ainda prescrições relativas a procissões e bênçãos.*

quantia das esmolas da Sagrada Família e esperamos que no próximo dia 1 de Janeiro, na distribuição do Santo Protector todos se lembrem da despesa que é de 180\$00 cada número.

Entretanto, recebemos já há tempo 20\$00 do senhor Dr. Marcolino da Silva, 20\$00 do senhor João Coutinho Simões, 10\$00 da senhora D. Delfina Gama, 20\$00 da senhora D. Judit Carreira, 7\$50 da senhora D. Olívia Dinis da Silva e 20\$00 da senhora D. Céu Reis. A todos muito obrigado.

Que ninguém deixe de assinar os jornais que tem, por causa de mais este. Não temos assinaturas não fazemos cobrança e nada pedimos. Somente agradecemos a generosidade dos que puderem no próximo dia 1 de Janeiro.

Também é caridade

Depois de ler o jornalzinho, passá-lo ao amigo ou à família vizinha que o não recebeu, pois os 550 exemplares não chegam para todos.

modas desenvergonhadas! Ai dos rapazes atordoados por uma vida, chamada elegante e fina, que trazem em seus corações, já, o estigma mortal do vício! Ai dos pais e das mães, que, sem energia e sem prudência, cedem aos caprichos dos seus filhos e filhas e renunciam à paterna e materna autoridade, que refulge nas suas frentes como reflexo da divina majestade! Ai também de tantos cristãos de nome e de fantasia, que poderiam arrastar atrás deles legiões de pessoas íntegras e rectas, se se dispusessem a combater o escândalo por todos os meios ao seu alcance e do seu dever!»

Palavras graves, que dão que pensar e recebem luz e eficácia particulares por terem sido pronunciadas pelo Representante de Jesus na terra por ocasião da glorificação dessa heroína, que preferiu a morte a deixar-se contaminar pela baba imunda dum escandaloso!

ver o Vigário de Jesus Cristo na terra prostrado diante da imagem de sua querida filha.

É da praxe, depois da função da tarde e como que a fechá-la, o oferecimento tradicional dos presentes ao Sumo Pontífice, bem como a apresentação dos parentes do novo Santo. Para a nossa heroína, esses parentes consistiram nos símbolos das virtudes que lhe mereceram a glória dos altares: um lindo ramalhete de açucenas alvíssimas a indicarem a sua virginal pureza, e outro de rosas purpúreas e significarem o seu glorioso martírio. E quando a veneranda velhinha, amparada pelas filhas, foi apresentada ao Sumo Pontífice e este a felicitou comovidamente pela grande honra que tivera, uma chuva de aplausos frenéticos ecoou pela Basílica, comunicando-se com a rapidez do relâmpago aos 50.000 peregrinos que dentro e fora do templo assistiam à cerimónia sagrada.

À noite, aquela venturosa mãe foi convidada a dizer algumas palavras ao microfone. Foram palavras simples as que pronunciou a humilde camponesa, palavras repassadas da mais intensa comoção. Fazemos nosso o seu voto e a sua bênção: — «Abençoo com coração de mãe todas as raparigas do mundo, para que sejam puras como a minha Mariazinha».

Assim seja !



Castanheira de Pera

Novembro e Dezembro de 1954

Há ouro nos corações Presépio ou Arvore?

Muitas vezes temos exposto o pensamento de que a nossa paróquia é uma família. É nosso desejo que esta ideia ganhe raízes para à sombra dela, fazermos obra digna de Deus e da sociedade.

Família numerosa, é certo, mas, unida pelos mesmos sentimentos e guiada pelo mesmo chefe, vive no caminho da paz e no ambiente de alegria vai progredindo, fazendo o bem.

A casa centro das reuniões da família paroquial é a nossa Igreja. Nossa, disse, pois ali todos temos entrada, — com respeito já se vê, mas sem pedir licença — ali está o Senhor e, como a escritura sagrada diz: ali a Casa de Deus e a porta do Céu.

Se é nossa, temos de velar pela sua decência, temos de mostrar ao Pai da família paroquial o nosso zelo, pois de há muito sabemos que a nos-

sa casa não está muito digna do Deus que a habita e dos cristãos que nela entram.

Por isso estamos em maré alta de entusiasmo, de amor dedicado e de generosidade franca em favor da nossa Igreja.

A conselho de algém, o que muito respeitosamente agradecemos, mandámos fazer um livro de ouro. Ficou com boa apresentação — encadernação a vermelho, letras e folhas de ouro — mas a verdade é que o mundo está cheio de aparências e vazio de realidades. Porém, não há regra sem excepção e no caso presente há vivas realidades — a que chamo ouro de corações — patentes nas folhas onde estão escritos alguns nomes com importâncias (cada um deles) superiores a mil escudos.

A colheita não desanimadora, mas muito mais é preciso, atendendo às deficiên-

Nunca! Que nunca mais se veja em casa de cristão a árvore do Natal, pagã e sem sentido. Haja presépios, e só presépios. Fora o Pai Natal. Honra a Jesus Menino.

cias do orçamento. E para que todos saibam gosto de dizer que no orçamento não ficou verba alguma para a instalação eléctrica, nem para as portas, nem para os azulejos interiores tão necessários para evitar a sugidade das paredes.

Para estas três coisas não falando no velho e cansado relógio da torre que também não faz parte do orçamento, são precisas mais de 5 dezenas de contos além da despesa orçamentada.

Por isso estais a ver que todos podem dar largas à sua generosidade e Deus pagará porque finalmente Ele é o Chefe da nossa Casa familiar, a Igreja.

NATAL

Vamos viver com o respeito todo a grande festa do Natal. Jesus há-de nascer nos nossos corações em ar de festa. À meia noite haverá na nossa Igreja a Missa do Natal, e o Presépio como de costume. A Missa será acompanhada a cânticos e queremos que ela envolva a todos na alegria e festa do Natal.

Nasceu Jesus. Alegria fiéis. Que ninguém falte, na noite grande à solene Missa da meia noite.

A Tarde da Família Paroquial

No dia 26, domingo, dia e seguir ao Natal haverá a tarde da «FAMÍLIA PAROQUIAL». Reunidos todos, em franca e amena familiaridade, passaremos uns momentos de agradável boa disposição e alegria que a quadra natalícia justifica. Haverá festa, canções, recitativos, anedotas e o mais que se poderá ver. Assim teremos um dia em que, juntos, viveremos a alegria sã dos filhos da Igreja.

— 94 —

A PALAVRA DO PAI COMUM

No dia seguinte ao da Beatificação de Maria Goretti, o Santo Padre recebeu em audiência particular os peregrinos que afluíram a Roma em tão faustosa circunstância, pronunciando nessa ocasião um lindo discurso em que nos é dado o mais categorizado elogio às virtudes e heróico martírio da nova Bem-aventurada, propondo-a como modelo das raparigas da Acção Católica dos nossos dias.

O Santo Padre, depois de ter dito que o dia anterior podia considerar-se como o dia das adolescentes e o dia da família cristã, acrescenta: «Maria Goretti é fruto maduro dum lar cristão, onde se reza, onde se educam cristãmente os filhos, no santo temor de Deus, na obediência aos pais, no amor da verdade, na honestidade e na pureza; onde, desde tamanhos, se acostumam a contentar-se com pouco, a servirem de ajuda em casa e no campo, onde todo o ambiente contribui para que todos, em casa, sejam um com Cristo, crescendo todos os dias na sua graça».

Em seguida, o Santo Padre estabelece um paralelo entre Maria Goretti e a Virgem Romana Santa Inês e tira disto argumento para exaltar a virtude da fortaleza que brilhou com

— 95 —

tanto fulgor nas duas mártires. E acrescenta: «Como é grande o erro daqueles que consideram a virgindade como efeito de ignorância ou ingenuidade de almas pequenas, apoucadas, sem paixão, sem ardor, sem experiência e não têm para ela senão um riso de lástima ou de sarcasmo!»

«Quem se tenha rendido sem pelejar, como poderá imaginar a fortaleza que se requer para dominar, ao largo dos anos, durante toda a vida, sem um momento de debilidade, as diversas perturbações e incitamentos dos sentidos que, desde o pecado original, fermentam desde a adolescência no coração humano, para resistir, sem ceder uma vez sequer, às mil pequenas curiosidades de ver, de ouvir, de gostar, de sentir, que fazem chegar aos lábios o cálix embriagador, e respirar o fatal aroma das flores do mal, para se mover entre as torpezas do mundo com ânimo forte do que todas as tentações, todas as ameaças, todas as miragens enganadoras?»

Em seguida, ao verificar a lamentável evolução social da mulher nestes últimos cinquenta anos, o Santo Padre repete as ameaças de Jesus contra os semeadores de escândalos.

«Ai! — diz ele — ai dos corruptores conscientes e voluntários, pela novela, pelo jornal, pela revista, pelo cinema, pelo teatro e pelas



FESTA DO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS E DO IMACULADO CORAÇÃO DE MARIA

Nunca, como neste ano, decorreu com tanta elevação e brilho a festa em honra do Sagrado Coração de Jesus, desde que vim para esta tão encantadora paróquia. Sem dúvida influuiu nisso o facto do Ano Mariano. A pregação acorreu, em massa, as gentes de perto e de longe, não se poupando a esforços, nem recendo o tempo. O Rev.º P.º Alberto de Carcavelos, com zelo e com fé, conseguiu atrair e ensinar. A reunião das senhoras foi numerosa e sobretudo a dos homens, no dia 6, à noite, foi coroada de pleno êxito, não só pelo número — cerca de 500 — mas ainda pelo entusiasmo. Cerca de 2.500 pessoas se abeiraram da Sagrada Mesa durante a semana — de 1 a 7 de Novembro — e numa deixou de se notar a vibração e a fé sempre vivas. A imponente procissão, realizada apesar do tempo pouco seguro, foi uma manifestação de amor ao Sagrado Coração e a Nossa Senhora. O Coro saiu-se magnificamente sobre os cuidados atentos da Senhora D. Adelfina e a Igreja, ornamentada a primor por um grupo de distintas senhoras com colchas cedidas gentilmente por pessoas amigas estava a primor.

Agradecemos publicamente a quantos desinteressadamente colaboraram nesta festa.

FESTA DAS ALMAS

No dia 2 de Novembro não esquecemos as Almas dos nossos entes queridos que a morte impiedosa ceifou. As missas, os Ofícios e Missa Solene foram celebrados com o brilho de sempre, merecendo especial nota o Grupo Coral Masculino que tão bem soube executar os cânticos próprios. E lá fomos em romagem de oração e saudade ao campo do Silêncio, ao cemitério da nossa freguesia. Durante os ofícios, um sacerdote explicou aos fiéis o sentido dos mesmos.

VIDA RELIGIOSA

em Figueiró dos Vinhos

FESTAS NA FREGUESIA

No dia 26 de Dezembro realiza-se, no Bairro, a tradicional festa em honra do Senhor da Agonia; e no dia 6 de Janeiro a festa da Senhora da Penha de França, em Aldeia de Ana de Aviz; A festa em honra do Mártir S. Sebastião será no dia 23 de Janeiro, começando as novenas em honra do glorioso Santo, no dia 14 do mesmo mês.

VISITA DOMICILIÁRIA DA SAGRADA FAMÍLIA

Já há muito que havíamos pensado na Visita da Sagrada Família às famílias da freguesia que o desejassem. E felizmente estão já constituídos dois núcleos e está em organização o terceiro.

Damos em seguida a lista das famílias do 1.º núcleo que começou em Novembro e do 2.º que começará em Dezembro.

NÚCLEO N.º 1

- Dia 1 — D. Angélica Ágria
- Dia 2 — P.º José da Costa Saraiva
- Dia 3 — José Abreu Nunes
- Dia 4 — D. Isabel Semedo
- Dia 5 — João Abreu
- Dia 6 — D. Zamira de Sousa
- Dia 7 — D. Rust de Sousa
- Dia 8 — D. Isolina Barreiros
- Dia 9 — D. Dorres Paiva
- Dia 10 — D. Irene Paiva Godinho
- Dia 11 — D. Rosa Mendes
- Dia 12 — D. Júlia Lacerda
- Dia 13 — D. Generosa Barreiros
- Dia 14 — Manuel Gaspar
- Dia 15 — Sr.ª Isaura Furtado
- Dia 16 — Sr.ª Piedade Padeira
- Dia 17 — Manuel Canário
- Dia 18 — D. Maria Berta
- Dia 19 — Angiolo David e Silva
- Dia 20 — D. Amélia Ágria
- Dia 21 — D. Almerinda Abreu
- Dia 22 — Sr. Castanheira
- Dia 23 — Sr. Dr. Delegado
- Dia 24 — D. Arminda Fernandes
- Dia 25 — D. Albertina Lacerda
- Dia 26 — D. Ermelinda Lacerda
- Dia 27 — D. Celeste Rendeiro
- Dia 28 — Sr.ª Violeta Lacerda
- Dia 29 — D. Maria Valadão
- Dia 30 — D. Leonarda Lacerda — Zeladora

NÚCLEO N.º 2

- Dia 1 — Sr. Zalgarte
- Dia 2 — D. Angélica Abreu Nunes

- Dia 3 — Manuel Castela
- Dia 4 — Manuel Rijo — Pai
- Dia 5 — Aníbal Medeiros
- Dia 6 — José Brito Telhado
- Dia 7 — Sr.ª Genoveva Sousa e Silva
- Dia 8 — Armando Martins Nunes
- Dia 9 — P.º Cipriano Rosa
- Dia 10 — Clarinda de Jesus Almeida
- Dia 11 — Manuel Rosa
- Dia 12 — Joaquim Estevão Rodrigues
- Dia 13 — Maria Rosa Nunes — Costureira
- Dia 14 — Dr. Paula Santos
- Dia 15 — D. Maria da Conceição Soares Henriques
- Dia 16 — António Curado
- Dia 17 — D. Júlia Cid
- Dia 18 — Ruben Cardoso Furtado
- Dia 19 — Sr.ª Albertina David
- Dia 20 — D. Albertina Cunha — Prazo
- Dia 21 — D. Irolinda Curado
- Dia 22 — Maria da Cristina
- Dia 23 — João Simões Mendes
- Dia 24 — Sr.ª Virgínia Augusta da Silva
- Dia 25 — Sr.ª Beatriz Augusta da Silva
- Dia 26 — Beatriz da Graça — Pensão
- Dia 27 — Manuel Lourenço
- Dia 28 — D. Cândida Reis
- Dia 29 — D. Júlia Mercês Lacerda
- Dia 30 — D. Maria Almedina Trancoso — Zeladora

LAVAGEM DA IGREJA

A nossa linda Igreja é lavada algumas vezes, o que não é nada de extraordinário, pois isso é inspirado pelas mais elementares regras de higiene. O que porém é novo e merece a nossa consideração é o facto de desta vez um grupo de mulheres e raparigas o terem feito gratuitamente. Aqui lhe fica um muito obrigado sincero e aí vai o nome delas para exemplo de outras, pois o dia 25-10-1954 não se apagará de nossa mente: Maria Júlia de Oliveira Dias, Maria Lídia da Silva de Carvalho, Laura Nunes Cortez, Ester da Conceição, Esmália da Conceição, Adelina Medeiros, Ermínia da Conceição Dias em vez de Maria de Jesus (Cristina), Amélia da Silva, Maria do Rosário das Dores Abreu, Olinda Rosa dos Santos, Maria de Lourdes da Conceição Silva. Algumas pessoas contribuíram para a merenda e a sr.ª Elisa da Conceição Curado ofereceu 10\$00. A todas muito obrigado.

OBRAS NA IGREJA

Já há muito que se impunham certas obras que agora, mercê da generosidade de pessoas amigas, se efectuaram e que foram a pintura das portas e a pintura — género vitral — das janelas da nossa Igreja. A todos muito obrigado. Não foi de menor monta a pintura e arranjo do altar da Senhora de Fátima devidos à generosidade de duas Ex.ªs Senhoras que por modéstia não querem ver publicados os seus nomes. «Vida Paroquial», muito lhes agradece.

PRESÉPIO

No Natal lá estará armado o lindo presépio na Igreja Paroquial.

Que não falem as ofertas das crianças ao Menino Deus e que ninguém falte às cerimónias tão comoventes da quadra do Natal.

AMIGOS DE «VIDA PAROQUIAL»

Muito agradecemos aos leitores amigos que contribuíram para as despesas de «Vida Paroquial»: Srs. Luiz Pinto, Coimbra — Dr. Sérgio dos Reis, Dr. Alberto Teixeira Forte, Dr. Joaquim José Fernandes, Adelino de Oliveira Canário e Vasco Passos da Silva — ambos da província de Moçambique e que não esquecem a sua linda terra e a quem desejamos as maiores felicidades — Aníbal Herdade, 20\$00; Sr. Antero Simões Seguro, 50\$00; D. Aurélia de Jesus Oliveira, Sr. Adelino Joaquim Coelho, 15\$00; D. Maria Celeste Rendeiro, Manuel Simões Fidalgo, Sofia da Conceição Santos, Elvira Passos da Silva, D. Isabel Semedo, Ruben João Cardoso Furtado, Joaquim Estevão Rodrigues, Raúl Castela, Manuel Gaspar, D. Ermelinda Lacerda, Joaquim Leitão, José Rodrigues da Silva, P.º Manuel Luiz — Campelo — D. Silvina Carreira de Sá, Fernando Castela Lima — a quem desejamos muitas felicidades em África — José da Conceição Santos, João de Oliveira Marques, António da Silva Neto, Manuel da Silva, D. Custódia Inglês, — 10\$00; Augusto Carvalho 8\$00; Manuel de Oliveira Canário, Maria de Lourdes Lopes — Alge, Campelo, 7\$50; Francisco Simões, 7\$00; José dos Santos

(Continua na pág. seguinte)

Quanto valem os rebuçados Como se celebra o Natal pelo Mundo...

(Continuado da 1.ª pág.)

Certo amigo, foi um dia à Capital do Norte e trouxe-nos um pacotinho de rebuçados. Eram 38, salvo erro e custaram-lhe 20\$00 — por nós, pagámo-los com um simples muito obrigado.

Dali a uns dias fomos assistir a um casamento em Fátima e o almoço tão apetecido, pois nada tinha violado ainda o jejum, foi por volta das 15 horas.

Matou-se, moderadamente, já se vê, quem nos queria matar, e, ao chegar o momento de felicitar os noivos, no dia grande da sua vida, após breves palavras, levantámos a nossa taça e bebemos.

Anda agora por ali a passear, com a liberdade que lhe é própria, uma pequenita, sobremodo engraçadinha, afilhada do noivo e a nosso pedido começou a fazer a distribuição dos rebuçados. Alguns dos circunstantes mais afeitos à doçaria, não estavam muito dispostos a ficar com a unidade. A cautela porém, — parecia haver por ali mistério — cada um recebeu o que lhe competia. A menina voltou e trazia apenas quatro de sobra depois de ter contemplado a todos.

Era preciso desvendar o enigma dos rebuçados.

Bons, muito bons, lindos de aparência! Valha a verdade não destoavam do ambiente dessa sala primorosa

da Pensão Central de Leiria.

A explicação não tardou: os rebuçados, meus senhores são da nossa Igreja Paroquial e cada um custa a módica quantia de 2\$50.

Foram os noivos os primeiros a contribuir — muito embora, diga-se de passagem tivessem — de recorrer ainda à bolsa dos pais nesse momento...

Depois tantos os outros, como já tinham comido o bastante, podiam à vontade pesar no vil metal, e uns após outros, apanhados de surpresa, lá foram cumprindo louvando ou censurando a pobre maneira de pedir.

Graças sobretudo à generosidade dum dos Padrinhos os trinta e quatro rebuçados renderam a favor da nossa Igreja Paroquial, 206\$60. Os seis tostões foram postos na saquinha, depois dos 2\$50, para estabelecer confusão — gosta disto, e ainda tem, a rapaziada nova!

E AGORA...

Podem mandar rebuçados com o mesmo fim e sem receio, pois não nos perdemos no doce. A Residência Paroquial tem capacidade para comportar toda e qualquer quantidade.

Se for possível vendê-los pelo preço dos do casamento, não faço concorrência se não, dou-os à gatinha miúda que tantas vezes nos acompanha.

VIDA RELIGIOSA

(Continuado da pág. anterior)

Granada, D. Maria da Conceição Soares Henriques e Genoveva Sousa e Silva, 6\$00; António Curado Ferreira Dias — Rib. de São Pedro —, João Luiz Nunes, Joaquim da Silva, Joaquim dos Santos Oliveira, Segismundo da Conceição Fonseca, — a quem desejamos felicidades em África — 5\$00; Maria da Nazaré, 3\$50; e Arnaldo dos Santos — Azenha — 3\$00; D. Ana Paquete Nunes, 30\$00; Manuel Teixeira de Almeida, 10\$00; Alfredo dos Santos Conceição, 6\$00.

Obrigado a todos.

MAGUSTO DAS CRIANÇAS DA CATEQUESE

O alegre chilrear de 300 crianças fez eco nos pinhais do Cabeço do Peão, no dia 20 de Novembro, com o alegre magusto oferecido pelo seu pároco. Tudo decorreu na melhor ordem e as crianças retiraram alegres e com entusiasmo.

Exames de regentes para Postos Escolares

Em cumprimento do que foi determinado por S. Ex.^a o Subsecretário de Estado da Educação Nacional, informa-se de que haverá exames de candidatos à regência de postos escolares no mês de Janeiro próximo, nos distritos escolares onde se considerarem necessários.

A documentação deverá ser entregue nas Secretarias das Direcções dos Distritos Escolares de 24 de Dezembro a 3 de Janeiro, e as provas iniciar-se-ão no dia 7 de Janeiro.

Não serão admitidos a exame os candidatos que hajam sido reprovados há menos de seis meses a contar do dia em que tiveram conhecimento do resultado do exame até ao dia das provas, e ainda os que não comprovarem residir há mais de seis meses no Distrito onde os exames se realizam.

da, Baltazar, um dos três Reis Magos, é emcarregado de repartir equitativamente guloseimas nesse país. Na véspera de seis de Janeiro, os pequenos espanhóis, colocam os seus sapatos, ou no átrio ou na chaminé.

No fundo do calçado colocam um pouco de palha para os cavalos do Mago. Em paga, Baltazar, o rei de Sabá, deixa muitas vezes ao melhor o seu brinquedo preferido, um zabumba ou umas castanholas. O dia 31 de Dezembro não passa despercebido entre os espanhóis. Registam conscienciosamente os acontecimentos do dia, crendo que o ano novo lhes será benéfico ou nefasto, conforme tenham passado a véspera do 1.º de Janeiro.

Na Alemanha

Neste país, o criado Roberto entra pela chaminé, em companhia da dama Berta: Ambos ornamentam a árvore de Natal com brinquedos e bombons e afastam-se no seu lindo cavalo branco.

É de Alemanha que veio o costume de erguer um pinheiro em casa ou perto das casas, nestas Festas.

Antes da vinda do cristianismo, uma lenda germânica ou teutónica comparava o mundo a uma árvore, onde o sol, a lua e as estrelas haviam sido pendurados.

No festival da Árvore do Mundo, os alemães colocavam nela pequenos animais e homens em miniatura, representando os deuses da caça e das colheitas, do raio e da chuva. Daí, o uso de disseminar bolas brilhantes e animais feitos com assúcar no pinheiro verde.

No cimo, os católicos colocam uma estrela simbolizada que guiou os Magos para o estábulo de Belém.

Na Bélgica e na Holanda

Aqui, o Pai Natal agasalha-se e chama-se «Santa Klaus». Este novo papá — belo faz puchar o seu carro por cavalos que substituem as cenas do polo morte canadiano. Na véspera do grande dia, as crianças holandesas e belgas enchem os sapatos e tamancos com fina aveia e cenouras, com medo que os brancos corceis não parem em sua casa. Os pequenos afastam-se do quarto onde se guardam os seus sapatos e fecha-se a porta à chave.

No dia seguinte, que alegria, que entusiasmo transbunda entre a petizada, ao descobrirem os tesouros deixados pelo «Santa Klaus»! Mas que aborrecimento, quando o mais turbulento percebe, no seu sapato, um chicote ameaçador esquecido lá, como por descuido, por aquele velho de barba branca, de veste carmezim.

Na Inglaterra

Lá, Santa Claus é antes conhecido com o nome de «Father Christmas». Na Inglaterra, a primeira árvore de Natal foi ornamentada pela pequena princesa Vitória, que tinha só 5 anos. Seu pai, o príncipe consorte Alberto, marido da rainha Vitória e alemão de origem, quis assim implantar este costume nas Ilhas Britânicas.

O Natal inglês não seria completo sem um succulento roast-beef, perú e o tradicional pudding regado de rum ou de vinho.

No Canadá

Celebra-se o Natal, de várias maneiras, no Canadá, onde se encontram diversos costumes trazidos pelos primeiros do país. A estação começa pelo desfilar do Pai Natal, fazendo a sua entrada triunfal em Montréal, no meado de Novembro. As crianças acorrem de todos os lados, afim de fazer os seus pedidos ao ilustre visitante que se multiplica nos grandes armazéns da cidade.

Donde vem o costume de colocar os brinquedos nos baixos da casa, no Natal? «Uma noite, conta a lenda, Santa Claus lançou peças de ouro na chaminé. Em vez de caírem na lareira, as moedas infiltraram-se numa parte baixa, não longe do átrio. Depois, Santa Claus, enche todos os baixos a seu belo prazer, no decurso da sua visita nocturna anual».

Operários

O vosso modelo é o Cristo Operário.

Ele vos chama e quer ser o vosso Companheiro e Amigo nas horas duras do trabalho.

Respeitai o domingo.

Ali na vossa Igreja ou Capela, O Amigo Certo, das horas incertas, deseja abençoar o vosso esforço, o vosso trabalho da semana.

«Maria! Maria!» A rapariga que trabalhava no seu quarto estremeceu e voltou-se bruscamente. Não conhecia aquela voz que a chamava, uma voz extraordinariamente meiga e melodiosa. Olhando para a porta aberta, mais espantada ficou. Muito perto dela, estava um vulto luminoso do qual não poderia dizer se era um maravilhoso rapaz ou o mais belo cisne de asas palpitantes que já mais se tinha visto sobre a terra, ou simplesmente a imagem viva dum raio de sol. Como ela se quedasse ali, estupefacta e ao mesmo tempo envolvida em incompreensível felicidade, a voz harmoniosa contiuiu: «Avé Maria, cheia de graça. O Senhor é convosco...»

Foi em Nazaré, na Galileia, que se deu este estranho acontecimento. Naquele momento reinava em Roma o primeiro e mais notável dos imperadores, Augusto, e todo o mundo ocidental estava interessado nas suas acções. Ninguém pensava em olhar em direcção de Nazaré, na Galileia. A Galileia era tão pouca coisa—apenas um modesto cantão dentro da mais pequena das terras sob o domínio de Roma, a Palestina; e, mesmo na Galileia, Nazaré era realmente muito pouca coisa: humilde aldeia de estivadores e operários, no flanco de uma colina, igual a centenas de outras. Ninguém poderia adivinhar que, ali, naquele cantinho longínquo, se ia dar um acontecimento bem mais importante do que tudo o que podia decidir o imperador Augusto no seu palácio de mármore: Deus tem razões que a razão humana não pode conhecer.

Naquela rapariguinha que recebia a estranha visita não havia também nada que a distinguisse de maneira excepcional aos olhos dos homens. Tinha pouco mais ou menos 15 anos. Os seus pais, Joaquim e Ana, eram honrados e simples criaturas que ganhavam a vida a trabalhar. O seu nome era igual ao de muitas mulheres da Palestina naquela época. Ali também Deus proporcionava uma surpresa ao mundo, porque ninguém teria podido pensar que essa rapariguinha de Nazaré havia de ser mulher mais célebre de todos os tempos e que, dois mil anos mais tarde, milhões de seres pronunciariam o seu

nome cada dia. Sòmente, o Mestre Todo Poderoso, que lê no segredo dos corações, sabia a maravilhosa pureza, doçura, fé e piedade que existiam em Maria, a rapariguinha de Nazaré. A Sua alma, desde que nasceu, era branca, sem pecado. E foi por isso que Deus lhe enviou o mensageiro misterioso, o homem-pássaro com rosto de luz, um Anjo, um dos seres invisíveis que vivem com Ele na Eternidade.

A voz celeste continuou—era o anjo Gabriel um dos primeiros no céu, cujo nome quer dizer «Poder de Deus». Não tenhas medo, Maria. És bendita entre todas as mulheres e é uma boa nova que te trago. Em breve, terás um filho ao qual darás o nome de Jesus. Ele será grande, porque é o Filho do Altíssimo. Deus dar-lhe-á todo o poder e o Seu reinado não terá fim».

Ao ouvir tais palavras, Maria ficou surpreendida. Já alguma vez se tinha ouvido dizer que o próprio Deus tivesse um filho? Que uma criança pudesse ser chamada «Filho do Altíssimo»? Para que ela se não espantasse, era preciso que soubesse antecipadamente que o Senhor Todo Poderoso resolvera vir em pessoa à Terra, que queria ser um homem como qualquer de nós e que, para nascer, tinha resolvido ter uma mãe, como a tem todo o ser vivo. Maria ainda não sabia nada disto, mas o anjo Gabriel explicou-lho. Por instantes deve ter ficado silenciosa; perturbada com a honra que lhe era concedida, sem compreender bem, na sua humildade, por que teria sido ela a escolhida. Mas uma coisa sabia desde sempre—que há uma só regra na vida: obedecer às ordens de Deus.

Ergeu a cabeça para a luz que o Anjo irradiava para ela: «Eu sou a escrava do Senhor,—disse simplesmente,—seja feita a Sua vontade...»

Os dias passaram e nenhum decorria sem que Maria, secretamente, não pensasse mo que o Anjo lhe tinha anunciado.

Era tão espantoso, tão extraordinário, talvez tivesse sido um sonho, talvez ela não tivesse ouvido a promessa; contudo, o anjo Gabriel, ao

COMO VEIO AO MUNDO O MENINO-DEUS

explicar-lhe o desejo de Deus, dissera outra coisa:

«Se queres ter a prova de que tudo isto é verdade e de que nada é impossível à vontade de Deus, vai visitar a tua prima Isabel. É velha, como sabes; já está na idade em que se não tem filhos. E, todavia, vai ser mãe...»

Ao fim de algum tempo, Maria quis certificar-se com os seus próprios olhos, verificar se a prova indicada pelo Anjo era verdadeira. Pôs-se a caminho, pela comprida estrada que separa Nazaré da aldeiazinha de Ain-Karém, na Judeia, ao sul da Palestina, onde vivia Isabel. Chegou lá ao cabo de quatro dias de viagem; bateu à porta da prima. Era verdade. A velha Isabel, que durante toda a vida desejava ser mãe e nunca o fora, ia ter um filho. Deus concedera-lhe aquela graça. O Anjo tinha razão: Nada é impossível ao Todo Poderoso.

E, no momento em que Maria se encontrou diante de sua prima, uma vez mais, o poder de Deus se manifestou. Sem que ninguém tivesse dito, Isabel adivinhou a razão da visita da sua parente. Sentiu-se inválida por grande felicidade com a ideia de que Deus se faria homem e Maria seria a Sua Mãe. Continuando a saudação do Anjo, exclamou: «És bendita entre todas as mulheres. Bendito é o fruto do teu ventre».

Uma emoção sobrenatural invadiu a jovem visitante. Era então verdade e tudo aconteceria como o Anjo lhe tinha prometido. Não só Isabel esperava uma criança—como ele anunciara—mas, também, nessa nova revelação, dizia-lhe as mesmas coisas que o Anjo. Então, não pôde mais ocultar a comoção que sentia. Um cântico brotou dos seus lábios, uma oração admirável:

«A minha alma glorifica o Senhor e o meu espírito estremece de alegria em Deus, meu Salvador, porque Ele deitou os olhos sobre a mais humilde das Suas servas.

Ah! como sou feliz, eu, a quem os homens chamarão bem-aventurada, porque é por meu intermédio que o Todo Poderoso vai fazer grandes coisas...»

No Meio da maior Pobreza

Quando voltou para Nazaré, Maria resolveu contar ao noivo os prodígios que lhe tinham acontecido. Sim, já estava noiva; no Oriente é costume casar as raparigas logo que atingem calorze ou quinze anos. O seu noivo chamava-se José, nome muito espalhado entre o povo, nome que vinha do grande herói de Israel, de quem os meninos leram, na história Sagrada, a vida e as aventuras no Egipto. José, o noivo de Maria, era um homem justo e bom, muito sério e fiel à lei de Deus.

Quando soube tudo o que se passava, ficou bastante perturbado. Que significaria aquela visita misteriosa? Como é que o filho de Maria poderia ser o Filho de Deus? Não seria antes o seu próprio filho se ele já nessa altura estivesse casado com a noiva? Tudo isto lhe parecia tão estranho que chegou a pensar em romper o noivado.

Mas, teve, por sua vez, a visita dum Anjo que lhe disse: «Não te inquietes, José, com Maria, tua noiva. O próprio Deus é o pai do filho que nascerá dela. Não te lembras daquela palavra do profeta Isaías: «Uma virgem terá um filho e ele será o Salvador?» A profecia vai realizar-se. Maria é essa rapariga, a Virgem Santa, escolhida para que o Mestre Todo Poderoso se torne um homem! Quando a criança nascer chamar-lhe-ás Jesus.

Saindo do êxtase em que tinha ouvido as palavras do Anjo, José adivinhou o que o Senhor esperava dele. Para proteger Maria e essa criança divina que ia nascer era necessário um homem sério, forte, trabalhador. Era o papel de pai adoptivo que ele tinha de desempenhar, papel modesto e tão necessário. José compreendeu e aceitou. E, sem dúvida, no segredo da sua alma, deve ter pronunciado pouco mais ou menos as mesmas palavras que Maria disse ao Anjo: «Faça-se em mim segundo a vossa vontade...»

Chegou enfim o tempo que Deus fixara para o Menino Jesus vir ao mundo. Exactamente naquela altura o governador deu ordem para se proceder a um recenseamento. Os meninos sabem o que é? Trata-se do resumo de todos os habitantes dum país, incluindo mulheres e crianças, classificados por categorias e idades. Isto é muito útil para as administrações, quando se trata de estabelecer impostos ou recrutar soldados. Ainda hoje se faz com regularidade o recenseamento da população em todos os países civilizados; em Portugal também se faz isto.

Mas na Palestina, naquela época, o recenseamento não era feito como hoje se faz na Europa, onde cada qual fica em sua casa e tem apenas de preencher um questionário. Eram obrigados a ir ao local donde era originária a família a que pertenciam. E mesmo que esse local fosse muito afastado do domicilio, deviam de qualquer maneira, ir até lá.

Ora, Maria e José pertenciam à família do rei David, o qual era originário de Belém, não muito longe de Jerusalém.

Pode parecer estranho que estes camponeses galileus fossem descendentes do grande rei David, do herói e poeta de Israel. Compreende-se facilmente: David teve numerosos filhos, e, em mil anos, todas as famílias deles nascidas não tinham permanecido ricas. Muitos voltaram a ser simples e modestos. Foi o que aconteceu a José e Maria: pertenciam realmente à raça de David, o que não os impedia de ser pobres.

Deviam, no entanto, ir a Belém, no dia do recenseamento, para se inscrever, o que representava uma grande viagem. Notem que tudo isto fora determinado desde sempre por Deus. Os Profetas—os meninos sabem—no tinham anunciado que o Salvador nasceria em Belém e seria um descendente

de David. Se o menino tinha de nascer em Belém, porque a ordem de recenseamento para lá mandava os seus pais, era mais uma prova de que vontade do Todo Poderoso se manifestava, de que esta criança seria realmente, o Filho de Deus.

O caminho era comprido e fatigante. Deviam seguir por todo o vale do Jordão cerca de 80 Km., subir, em seguida, até Jerusalém e continuar um pouco mais para o Sul. Ou, então, ir por Enganim e Siquém, pelo caminho das montanhas, quase sempre em subidas e descidas, durante quatro ou cinco dias, a trote de burro. Maria devia estar esgotada. Ao chegar a Belém esperava poder descansar, mas o recenseamento provocava deslocções semelhantes às deles. Quando Maria e José tentaram penetrar na hospedaria dos arrabaldes da cidade—igual àquelas que ainda hoje se vêem no Oriente,—pouco confortáveis e muito barulhentas, encontraram-na cheia até à porta de homens, mulheres, crianças, e até de animais. Nem um

lugar. Tiveram de retirar-se, cansados e descoroçados.

Felizmente, em toda a Judeia, as colinas calcárias são perfuradas por grutas, umas maiores outras mais pequenas, que servem para abrigar os rebanhos. Muitas são cavadas pela mão do homem. Ainda as podemos ver, quando se visita a Palestina, ípobres estábulos onde, cavada no muro, existe uma manjedoura cheia de forragem. Foi numa dessas grutas que José, não sabendo onde instalar Maria, veio procurar refúgio. Provavelmente deve ter posto a um canto o burrinho, fiel companheiro de viagem. Havia com certeza, no estábulo, alguns bois e carneiros. Para os descendentes do rei David não era um abrigo sumptuoso... Mas Deus, decidindo assim, quis dar aos homens uma grande lição: é na pobreza e na humildade que O encontram, e a simplicidade dum alma agrada-lhe mais que todos os esplendores da terra.

Ora, não muito longe da gruta onde José tinha instalado Maria, andavam uns pastores a guardar os seus rebanhos. É costume, no

Oriente, deixar os carneiros ao ar livre, quando as noites não estão muito frias. Contudo, como naquela época os animais ferozes eram ainda numerosos na Judeia, lobos, chacais e até leões, era necessário estar alerta. Por isso, deitados nos campos, estes pastores chamavam-se uns aos outros em gritos ritmados, para terem a certeza de não adormecer. Outras vezes, tocavam árias nas suas flautas.

De repente, um esplendor de luz envolveu-os. Vozes fizeram-se ouvir no céu: «Boa Nova» diziam. «Nasceu o Deus Menino. Regozijai-vos. Correi. Ide à gruta de Belém onde um menino, acabado de nascer, dorme dentro dum manjedoura. É Ele, o Salvador, o Filho de Deus».

E, enquanto os pastores se dirigem apressadamente para o estábulo onde José e Maria, maravilhados, contemplam o Menino-Deus, os Anjos enchem o céu de hinos: «Glória a Deus no mais alto dos céus e, na terra, paz aos homens de boa vontade».

Do livro «O Evangelho para os meus afilhados» de Daniel — Rops.

O NATAL DO POBRE

Conto por FERNANDO DE SINTRA

Já há muito que a neve caía em flocos densos e gélidos sobre a terra endurecida pela longa geada. O frio era intenso, não permitindo que viva alma sáisse das casas que um fogo reconfortante aquecia. Os montes brancos, como alvas cabeças luarentas pelos anos, cobertos de longo lençol, pareciam meditar profundamente na vida. As árvores, perdidas ao peso do gelo, quase informes, haviam perdido o viço e a beleza. Não se ouvia o canto alegre, nem o esvoaçar airoso das aves. Só de quando em quando um pio agudo e triste dizia que o passarito sem abrigo, sem calor, morria dalarosamente. À noite deixára de ouvir-se o canto estridente e desarmónico do ralo e os grilos já não segredavam os seus amores, em harmonia acariaciadora.

A desolação, a morte, a tristeza envolveram a terra em branco luto de brancas e interminas paisagens.

Aproxima-se o grande dia para todo o mundo. Natal, palavra mágica que nos fala de vida nova parece um contraste com a morte que o inverno exprime. Um doce menino nasceu, um dia,—já lá vão séculos—numa gruta—o presépio—de Belém, apenas rodeado pelos carinhos da Mãe e de José, mas que trazia no seu coração um amor até aí desconhecido e na alma um fogo que havia de abraçar tudo e uma nova vida a comunicar aos homens. Jesus, o Salvador, iria fazer uma revolução, dando um sentido novo às coisas e sentimentos diversos à humani-

dade. Iria salvar o mundo na caridade, aureolar a vida com o perfume capitoso do amor nobre e elevado.

Na aldeia tudo são preparativos para o grande dia. O dia 24 de Dezembro trás aos lares uma desacostumada azáfama. À noite vai reunir-se toda a família, em torno da fogueira reconfortante, junto do presépio do Menino, para a alegre consoada. Desde o maior ao mais pequeno, em todos há, no olhar e nos gestos, o anseio da chegada da meia noite.

Já pouco falta e a família conversa animadamente, esperando os que vêm de mais longe e que se espera não falem. Soou a primeira bada-

(Continua na 7.ª página)

«Maria! Maria!» A rapariga que trabalhava no seu quarto estremeceu e voltou-se bruscamente. Não conhecia aquela voz que a chamava, uma voz extraordinariamente meiga e melodiosa. Olhando para a porta aberta, mais espantada ficou. Muito perto dela, estava um vulto luminoso do qual não poderia dizer se era um maravilhoso rapaz ou o mais belo cisne de asas palpitantes que já mais se tinha visto sobre a terra, ou simplesmente a imagem viva dum raio de sol. Como ela se quedasse ali, estupefacta e ao mesmo tempo envolvida em incompreensível felicidade, a voz harmoniosa contiuiu: «Avé Maria, cheia de graça. O Senhor é convosco...»

Foi em Nazaré, na Galileia, que se deu este estranho acontecimento. Naquele momento reinava em Roma o primeiro e mais notável dos imperadores, Augusto, e todo o mundo ocidental estava interessado nas suas acções. Ninguém pensava em olhar em direcção de Nazaré, na Galileia. A Galileia era tão pouca coisa—apenas um modesto cantão dentro da mais pequena das terras sob o domínio de Roma, a Palestina; e, mesmo na Galileia, Nazaré era realmente muito pouca coisa: humilde aldeia de estivadores e operários, no flanco de uma colina, igual a centenas de outras. Ninguém poderia adivinhar que, ali, naquele cantinho longínquo, se ia dar um acontecimento bem mais importante do que tudo o que podia decidir o imperador Augusto no seu palácio de mármore: Deus tem razões que a razão humana não pode conhecer.

Naquela rapariguinha que recebia a estranha visita não havia também nada que a distinguisse de maneira excepcional aos olhos dos homens. Tinha pouco mais ou menos 15 anos. Os seus pais, Joaquim e Ana, eram honrados e simples criaturas que ganhavam a vida a trabalhar. O seu nome era igual ao de muitas mulheres da Palestina naquela época. Ali também Deus proporcionava uma surpresa ao mundo, porque ninguém teria podido pensar que essa rapariguinha de Nazaré havia de ser mulher mais célebre de todos os tempos e que, dois mil anos mais tarde, milhões de seres pronunciariam o Seu

nome cada dia. Sômente, o Mestre Todo Poderoso, que lê no segredo dos corações, sabia a maravilhosa pureza, doçura, fé e piedade que existiam em Maria, a rapariguinha de Nazaré. A Sua alma, desde que nasceu, era branca, sem pecado. E foi por isso que Deus lhe enviou o mensageiro misterioso, o homem-pássaro com rosto de luz, um Anjo, um dos seres invisíveis que vivem com Ele na Eternidade.

A voz celeste continuou—era o anjo Gabriel um dos primeiros no céu, cujo nome quer dizer «Poder de Deus». Não tenhas medo, Maria. És bendita entre todas as mulheres e é uma boa nova que te trago. Em breve, terás um filho ao qual darás o nome de Jesus. E Ele será grande, porque é o Filho do Altíssimo. Deus dar-lhe-á todo o poder e o Seu reinado não terá fim».

Ao ouvir tais palavras, Maria ficou surpreendida. Já alguma vez se tinha ouvido dizer que o próprio Deus tivesse um filho? Que uma criança pudesse ser chamada «Filho do Altíssimo»? Para que ela se não espantasse, era preciso que soubesse antecipadamente que o Senhor Todo Poderoso resolvera vir em pessoa à Terra, que queria ser um homem como qualquer de nós e que, para nascer, tinha resolvido ter uma mãe, como a tem todo o ser vivo. Maria ainda não sabia nada disto, mas o anjo Gabriel explicou-lho. Por instantes deve ter ficado silenciosa; perturbada com a honra que lhe era concedida, sem compreender bem, na sua humildade, por que teria sido ela a escolhida. Mas uma coisa sabia desde sempre—que há uma só regra na vida: obedecer às ordens de Deus.

Ergueu a cabeça para a luz que o Anjo irradiava para ela: «Eu sou a escrava do Senhor,— disse simplesmente,— seja feita a Sua vontade...»

Os dias passaram e nenhum decorria sem que Maria, secretamente, não pensasse mo que o Anjo lhe tinha anunciado.

Era tão espantoso, tão extraordinário, talvez tivesse sido um sonho, talvez ela não tivesse ouvido a promessa; contudo, o anjo Gabriel, ao

COMO VEIO AO MUNDO O MENINO-DEUS

explicar-lhe o desejo de Deus, dissera outra coisa:

«Se queres ter a prova de que tudo isto é verdade e de que nada é impossível a vontade de Deus, vai visitar a tua prima Isabel. É velha, como sabes; já está na idade em que se não tem filhos. E, todavia, vai ser mãe...»

Ao fim de algum tempo, Maria quis certificar-se com os seus próprios olhos, verificar se a prova indicada pelo Anjo era verdadeira. Pôs-se a caminho, pela comprida estrada que separa Nazaré da aldeiazinha de Ain-Karém, na Judeia, ao sul da Palestina, onde vivia Isabel. Chegou lá ao cabo de quatro dias de viagem; bateu à porta da prima. Era verdade. A velha Isabel, que durante toda a vida desejava ser mãe e nunca o fôra, ia ter um filho. Deus concedera-lhe aquela graça. O Anjo tinha razão: Nada é impossível ao Todo Poderoso.

E, no momento em que Maria se encontrou diante de sua prima, uma vez mais, o poder de Deus se manifestou. Sem que ninguém lho tivesse dito, Isabel adivinhou a razão da visita da sua parente. Sentiu-se inválida por grande felicidade com a ideia de que Deus se faria homem e Maria seria a Sua Mãe. Continuando a saudação do Anjo, exclamou: «És bendita entre todas as mulheres. Bendito é o fruto do teu ventre».

Uma emoção sobrenatural invadiu a jovem visitante. Era então verdade e tudo aconteceria como o Anjo lhe tinha prometido. Não só Isabel esperava uma criança—como ele anunciara—mas, também, nessa nova revelação, dizia-lhe as mesmas coisas que o Anjo. Então, não pôde mais ocultar a comoção que sentia. Um cântico brotou dos seus lábios, uma oração admirável:

«A minha alma glorifica o Senhor e o meu espírito estremece de alegria em Deus, meu Salvador, porque Ele deitou os olhos sobre a mais humilde das Suas servas.

Ah! como sou feliz, eu, a quem os homens chamam bem-aventurada, porque é por meu intermédio que o Todo Poderoso vai fazer grandes coisas...»

No Meio da maior Pobreza

Quando voltou para Nazaré, Maria resolveu contar ao noivo os prodígios que lhe tinham acontecido. Sim, já estava noiva: no Oriente é costume casar as raparigas logo que atingem catorze ou quinze anos. O seu noivo chamava-se José, nome muito espalhado entre o povo, nome que vinha do grande herói de Israel, de quem os meninos leram, na história Sagrada, a vida e as aventuras no Egipto. José, o noivo de Maria, era um homem justo e bom, muito sério e fiel à lei de Deus.

Quando soube tudo o que se passava, ficou bastante perturbado. Que significaria aquela visita misteriosa? Como é que o filho de Maria poderia ser o filho de Deus? Não seria antes o seu próprio filho se ele já nessa altura estivesse casado com a noiva? Tudo isto lhe parecia tão estranho que chegou a pensar em romper o noivado.

Mas, teve, por sua vez, a visita dum Anjo que lhe disse: «Não te inquietes, José, com Maria, tua noiva. O próprio Deus é o pai do filho que nascerá dela. Não te lembras daquela palavra do profeta Isaías: «Uma virgem terá um filho e ele será o Salvador?» A profecia vai realizar-se. Maria é essa rapariga, a Virgem Santa, escolhida para que o Mestre Todo Poderoso se torne um homem. Quando a criança nascer chamar-lhe-ás Jesus.

Saindo do êxtase em que tinha ouvido as palavras do Anjo, José adivinhou o que o Senhor esperava dele. Para proteger Maria e essa criança divina que ia nascer era necessário um homem sério, forte, trabalhador. Era o papel de pai adoptivo que ele tinha de desempenhar, papel modesto e tão necessário. José compreendeu e aceitou. E, sem dúvida, no segredo da sua alma, deve ter pronunciado pouco mais ou menos as mesmas palavras que Maria disse ao Anjo: «Faça-se em mim segundo a vossa vontade...»

Chegou enfim o tempo que Deus fixara para o Menino Jesus vir ao mundo. Exactamente naquela altura o governador deu ordem para se proceder a um recenseamento. Os meninos sabem o que é? Trata-se do resumo de todos os habitantes dum país, incluindo mulheres e crianças, classificados por categorias e idades. Isto é muito útil para as administrações, quando se trata de estabelecer impostos ou recrutar soldados. Ainda hoje se faz com regularidade o recenseamento da população em todos os países civilizados: em Portugal também se faz isto.

Mas na Palestina, naquela época, o recenseamento não era feito como hoje se faz na Europa, onde cada qual fica em sua casa e tem apenas de preencher um questionário. Eram obrigados a ir ao local, donde era originária a família a que pertenciam. E, mesmo que esse local fosse muito afastado do domicílio, deviam, de qualquer maneira, ir até lá.

Ora, Maria e José pertenciam à família do rei David, o qual era originário de Belém, não muito longe de Jerusalém.

Pode parecer estranho que estes camponeses galileus fossem descendentes do grande rei David, do herói e poeta de Israel. Compreende-se facilmente: David teve numerosos filhos, e em mil anos, todas as famílias deles nascidas não tinham permanecido ricas. Muitos voltaram a ser simples e modestos. Foi o que aconteceu a José e Maria: pertenciam realmente à raça de David, o que não os impedia de ser pobres.

Deviam, no entanto, ir a Belém, no dia do recenseamento, para se inscrever, o que representava uma grande viagem. Notem que tudo isto fôra determinado desde sempre por Deus. Os Profetas—os meninos sabem—no tinham anunciado que o Salvador nasceria em Belém e seria um descendente

de David. Se o menino tinha de nascer em Belém, porque a ordem de recenseamento para lá mandava os seus pais, era mais uma prova de que vontade do Todo Poderoso se manifestava, de que esta criança seria realmente, o Filho de Deus.

O caminho era comprido e fatigante. Deviam seguir por todo o vale do Jordão cerca de 80 Km., subir, em seguida, até Jerusalém e continuar um pouco mais para o Sul. Ou, então, ir por Enganim e Siquém, pelo caminho das montanhas, quase sempre em subidas e descidas, durante quatro ou cinco dias, a trote de burro. Maria devia estar esgotada. Ao chegar a Belém esperavam poder descansar, mas o recenseamento provocava deslocções semelhantes às deles. Quando Maria e José tentaram penetrar na hospedaria dos arrabaldes da cidade—igual àquelas que ainda hoje se vêem no Oriente,—pouco confortáveis e muito barulhentas, encontraram-na cheia até à porta de homens, mulheres, crianças, e até de animais. Nem um

lugar. Tiveram de retirar-se, cansados e descoroçados.

Felizmente, em toda a Judeia, as colinas calcárias são perfuradas por grutas, umas maiores outras mais pequenas, que servem para abrigar os rebanhos. Muitas são cavadas pela mão do homem. Ainda as podemos ver, quando se visita a Palestina, pobres estabulos onde, cavada no muro, existe uma manjedoura cheia de forragem. Foi numa dessas grutas que José, não sabendo onde instalar Maria, veio procurar refúgio. Provavelmente deve ter posto a um canto o burrinho, fiel companheiro de viagem. Havia com certeza, no estábulo, alguns bois e carneiros. Para os descendentes do rei David não era um abrigo sumptuoso... Mas Deus, decidindo assim, quis dar aos homens uma grande lição: é na pobreza e na humildade que O encontram, e a simplicidade dum alma agrada-lhe mais que todos os esplendores da terra.

Ora, não muito longe da gruta onde José tinha instalado Maria, andavam uns pastores a guardar os seus rebanhos. É costume, no

Oriente, deixar os carneiros ao ar livre, quando as noites não estão muito frias. Contudo, como naquela época os animais ferozes eram ainda numerosos na Judeia, lobos, chacais e até leões, era necessário estar alerta. Por isso, deitados nos campos, estes pastores chamavam-se uns aos outros em gritos ritmados, para terem a certeza de não adormecer. Outras vezes, tocavam árias nas suas flautas.

De repente, um esplendor de luz envolveu-os. Vozes fizeram-se ouvir no céu: «Boa Nova» diziam. «Nasceu o Deus Menino. Regozijai-vos. Correi. Ide à gruta de Belém onde um menino, acabado de nascer, dorme dentro duma manjedoura. É Ele, o Salvador, o Filho de Deus».

E, enquanto os pastores se dirigem apressadamente para o estábulo onde José e Maria, maravilhosos, contemplam o Menino-Deus, os Anjos anchem o céu de hinos: «Glória a Deus no mais alto dos céus e, na terra, paz aos homens de boa vontade».

Do livro «O Evangelho para os meus afilhados» de Daniel — Rops.

O NATAL DO POBRE

Conto por FERNANDO DE SINTRA

Já há muito que a neve caía em flocos densos e gélidos sobre a terra endurecida pela longa geada. O frio era intenso, não permitindo que viva alma saísse das casas que um fogo reconfortante aquecia. Os montes brancos, como alvas cabeças luarentas pelos anos, cobertos de longo lençol, pareciam meditar profundamente na vida. As árvores, vergadas ao peso do gelo, quase informes, haviam perdido o vigo e a beleza. Não se ouvia o canto alegre, nem o esvoaçar airoso das aves. Só de quando em quando um pio agudo e triste dizia que o passarito sem abrigo, sem calor, morria dolorosamente. À noite deixára de ouvir-se o canto estridente e desarmónico do ralo e os grilos já não segredavam os seus amores, em harmonia acariaciadora.

A desolação, a morte, a tristeza envolveram a terra em branco luto de brancas e interminas paisagens.

Aproxima-se o grande dia para todo o mundo. Natal, palavra mágica que nos fala de vida nova parece um contraste com a morte que o inverno exprime. Um doce menino nasceu, um dia,— já lá vão séculos — numa gruta — o presépio — de Belém, apenas rodeado pelos carinhos da Mãe e de José, mas que trazia no seu coração um amor até aí desconhecido e na alma um fogo que havia de abraçar tudo e uma nova vida a comunicar aos homens. Jesus, o Salvador, iria fazer uma revolução, dando um sentido novo às coisas e sentimentos diversos à humani-

dade. Iria salvar o mundo na caridade, aureolar a vida com o perfume capitoso do amor nobre e elevado.

Na aldeia tudo são preparativos para o grande dia. O dia 24 de Dezembro trás aos lares uma desacomumada azáfama. À noite vai reunir-se toda a família, em torno da fogueira reconfortante, junto do presépio do Menino, para a alegre consoada. Desde o maior ao mais pequeno, em todos há, no olhar e nos gestos, o anseio da chegada da meia noite.

Já pouco falta e a família conversa animadamente, esperando os que vêm de mais longe e que se espera não faltarem. Soou a primeira bada-

(Continua na 7.ª página)

Tristezas para quê?

**Tristezas
não pagam
dívidas...**



Um médico delegado do governo, chega a uma aldeia infectada pela cólera-morbus e pergunta ao presidente da junta: — Que medidas de precaução tem o senhor tomado à vista desta terrível epidemia? A autoridade replica solenemente:

— Mande abrir tantas covas como o número dos habitantes.

*

IMPOSSIBILIDADES...

— Na minha terra há melancias que chegam a pesar duas arrobas cada uma.

— Ora, pois na minha há ovos tão grandes que bastam sete para fazer uma dúzia!

*

NO TRIBUNAL

— Como te chamas?

— José Felício.

— Teu estado?

— Casado.

— Com quem?

— Com uma mulher.

— Pudera!

— Pudera não, Sr. Juiz, porque eu tenho uma irmã casada com um homem!

*

SÓ UM REMÉDIO...

— O único remédio infalível na cura da caspa, descobriu-o um francês.

— Sim? e como se chama esse remédio?

— A guilhotina.

Agradecimento

Publicamente testemunhamos o agradecimento aos senhores João dos Santos e João Pais dos Santos, que antes de partirem para o Brasil, de onde vieram em visita a suas famílias, se não esqueceram das obras da Residência, entregando-nos a quantia de 400\$00. Que tenham boa viagem e que Deus os proteja e a suas famílias. Agradecemos também aos senhores Alvaro Loja e Manuel Roda o generoso donativo de 100\$00 respectivamente; assim como ao senhor Manuel Paiva, a quem desejamos muitas felicidades na Argentina, os nossos agradecimentos pelos seus 100\$00.

ADIVINHAS...

1 — Qual é a jóia que se trocamos a primeira letra está nas portas e janelas?

2 — Com R estou nos charcos; com S não sou doente; com L estou no carneiro. Quem sou?

3 — Qual é a palavra de quatro sílabas que tem vinte e quatro letras?

N. B. — Quem enviar a solução certa até fim de Dezembro habilita-se para o sorteio da novela «O Guia da Morte».

*

Solução das anteriores:

1 — As meninas dos olhos.

2 — Biscoito.

3 — Napoleão.

Foi pena mas nenhum adivinhou desta vez. Mas coragem e até à próxima.

Velho Gaiteiro

O NATAL DO POBRE

(Continuado da página 5)

lada da meia noite e todos se sentam à mesa, após breve oração de louvor ao Menino Jesus que acabava de nascer. Não faltam as batatas com bacalhau, o vinho novo, as «filhoses» e a alegria reina em toda a mesa.

Lá fora a neve continua a cair, em farrapos mais largos, e um vento cortante penetra até às fimbrias as car-

Grata intenção

Do encerramento do Ano-Santo Mariano a que Sua Ex.^a Rev.^{ma} o Senhor Bispo Auxiliar, tão dedicadamente dignou presidir, nasceu uma ideia que está em prática e que desejamos levar a cabo com a ajuda de Deus — todos os dias a hora certa — às 18 horas até ao fim do ano — é recitado o terço na nossa Igreja Paroquial, a Casa Familiar.

Só vai quem pode... Não vale abandonar o lar, deixando tudo em desordem...

Sabeis por quem se reza? Pelos bemfeitores e pelos operários.

Longe ou perto, onde a vida vos colocar, ficai cientes de que à noitinha na nossa Igreja Paroquial, há quem vos lembre, pedindo a Deus abençoe a vossa generosidade e o vosso trabalho.

administração dos Sacramentos do Baptismo, Matrimónio e Extrema-Unção.

Prevê-se ainda que seja brevemente autorizado o espanhol. Assim, as principais línguas ocidentais estão já a ser usadas na Liturgia, ao mesmo tempo que o latim. Nisso foi tido na devida conta o insistente pedido dos Bispos franceses, alemães e italianos, secundando o desejo geral dos seus diocesanos, de que a língua vulgar fosse usada no ritual católico, ao lado do latim.

O telefone ao serviço do espírito

Por iniciativa de um pregador alemão, o Padre Lepiche, funciona agora em Nuremberga um serviço de assistência espiritual pelo telefone. Todas as noites, entre as 21 e as 23 horas, as pessoas que o desejem, podem fazer, pelo telefone, um pedido de auxílio moral ou con-

selho espiritual, sem se tornar preciso indicar nome nem endereço.

Desta forma o telefone responde a tudo, até às dúvidas do espírito.

Desde há três séculos...

Desde há três séculos que, na Suécia, se não ordenava nenhum jesuíta. Ordenou-se agora o Padre Lars Rooth, filho do presidente do Banco Mundial (Washington).

Células brancas

A secção estudantil da Juventude Católica Filipina, que conta 18.000 membros, propõe-se criar células católicas em todas as escolas, universidades e, sendo possível, em cada classe, «porque se os comunistas o fazem, também nós o podemos fazer» — dizem.

As células vermelhas é necessário, efectivamente, opôr as células brancas.

A Juventude Católica Filipina facilita a instrução religiosa a mais de 150.000 pessoas.

Televisão Católica

Com a quota anual de um dólar por associado, vai fundar-se a Associação Católica Portorriquenha de televisão para organizar programas semanais de informação e orientação religiosa.

Coroa de Espinhos

Chegou a Roma a informação de que as autoridades romenas puseram em liberdade o Bispo Monsenhor Passa.

O ilustre Prelado pode dizer que recebeu, como Jesus, uma coroa de espinhos. Foi preso e gravemente maltratado em 1951 por se haver negado a colaborar com o regime comunista. Viu-se obrigado a trabalhar na construção do canal do Mar Negro, entre 10.000 prisioneiros.

Conta 74 anos de idade e encontra-se doente.

cama fofa e quente, ouvia ainda um coro de anjos cantar em harmonias de celeste elevação o canto que lhe enchera a alma de fragâncias desconhecidas: «Glória a Deus nas alturas e paz na terra aos homens de boa vontade».

nes pouco agasalhadas dos raros transeuntes.

No meio do gelo, um vulto incerto avança a tatear e quase cambaleante: Aproxima-se e podemos distingui-lo. É uma pobre criança. Uns trapos cobrem-lhe o corpo enregelado e os seus pés gangrenados, mal podem pisar a brancura gélida desse tapete de friagem. Aproxima-se do povoado, à procura, de certo, de abrigo e de pão. As forças são cada vez menores. Mas mais um alento e eis que as mãos «engravetadas» pelo frio batem à primeira porta. Vêm abrir. No limiar encontrava-se um corpo caído e quase sem vida. O pobrezito ficara sem forças, paralizado pelo frio e pela fome. Era de bom coração aquela família. Levam o pequeno para junto do fogo. Reanimam-no e eis que o pequeno confortado pelo quente ambiente, contempla, em enlevo, toda aquela beleza que nunca tivera a dita de ver. Luzes em profusão, bolos, mesa farta. Come. O seu corpo ganha cor e a vida volta com toda a pujança.

Também para ele houvera um Natal de luz e cor, de harmonia e caridade, de amor e conforto.

À noite ao adormecer em